

JORNADA DE TRABALHO DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE A ESCOLA E A CASA

AUTORA: VITÓRIA NUNES¹

ORIENTADOR: PROF. DR. JARBAS SANTOS VIEIRA

GRUPO DE PESQUISA: GESTÃO, CURRÍCULO E POLÍTICAS EDUCATIVAS

*1 Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas
(nunesvic2@gmail.com)*

2 Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas (jarbas.vieira@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo analisar a jornada de trabalho de 18 professoras de Educação Infantil de nove cidades da região sul do Rio Grande do Sul. Esta análise tem como base entrevistas semi estruturadas que foram realizadas com essas professoras dentro do projeto *Trabalho e gênero das professoras de Educação Infantil das escolas públicas municipais da região sul do Rio Grande do Sul*.¹

O projeto identificou que nessas nove cidades encontra-se o grupo de professoras com maiores problemas laborais e de saúde: extensa jornada de trabalho e alto índice de licença de saúde. Em cada uma dessas cidades foram entrevistadas duas professoras sobre a relação entre sua jornada de trabalho e a saúde. Conceitos como trabalho, mal-estar docente e gênero serviram como ferramentas para a análise.

Nesse resumo apresento um recorte específico da pesquisa: a naturalização do trabalho doméstico como sendo responsabilidade das mulheres.

2. METODOLOGIA

As análises foram realizadas sobre entrevistas semi estruturadas com as professoras efetivamente em sala de aula. Aqui destaco os aspectos das entrevistas que exploraram a naturalização do trabalho doméstico como uma tarefa apenas das mulheres.

As entrevistas ocorreram nas escolas de Educação Infantil (EMEI), com o intuito de conhecer como essas docentes compreendem seus processos de trabalho, incluindo questões sobre suas rotinas, as relações com as famílias das crianças e com as próprias crianças, as relações com a gestão (da escola e de cada secretaria de educação), a construção identitária profissional e as relações entre jornada de trabalho, gênero e saúde.

As análises das entrevistas consideram as respostas das professoras como discursos, a partir da noção de Michel Foucault (2013): os discursos constroem a realidade vivida pelas docentes e fazem ver a complexidade de sua jornada de trabalho. Portanto, os discursos das professoras devem ser entendidos como um conjunto de enunciados cujo funcionamento segue regras comuns, fazendo circular

¹ Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Herval, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul e Turuçu.

os regimes de verdade que articulam saberes e poderes. Os discursos são práticas sociais que, por sua materialidade, vão constituindo as concepções sobre o trabalho e a profissão docente, estabelecendo as condutas praticadas e/ou desejadas pelo professorado dessas escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos das 18 professoras revelaram uma extensa jornada de trabalho, considerando que todas elas, sem exceção, realizam as tarefas domésticas, por elas mesmas naturalizadas em suas rotinas. Seus discursos evidenciam como elas são capturadas por produções culturais que as fazem acreditar que elas são as únicas responsáveis pelo cuidado com a casa, marido e filhos. À essa responsabilidade junta-se uma doação diária ao outro, o que constitui um abandono de si - de suas necessidades, de seu descanso - em nome do outro o qual necessita - segundo seus discursos - de cuidados que só ela pode promover. E, nesses mesmos discursos, desqualificam os homens, caracterizando-os como incapazes de realizar as tarefas domésticas.

O trabalho assalariado e o trabalho doméstico ocupam a maior parte do tempo do universo dessas professoras, privando-as assim do ócio, pois as tarefas domésticas as esperam no final do dia. Se para os homens a organização da vida e do tempo gira em torno do trabalho assalariado, para as mulheres não há tal organização que se possa considerar sendo estruturante em sua vida

Em geral, o trabalho assalariado e o trabalho doméstico ocupam grande parte do tempo do universo feminino, privando-as de um tempo livre, pois ao retornarem para casa no final dia, as mulheres se deparam com mais trabalho: o doméstico. Se para os homens a organização da vida e do tempo gira em torno do trabalho assalariado, parece que para as mulheres não há uma única atividade estruturante, ou seja, nenhum dos diversos trabalhos assumidos caracteriza-se como central e organizador da identidade feminina, nem o trabalho doméstico, nem o trabalho assalariado.

Um dos fatores determinantes para a posição secundária que as mulheres ainda ocupam no mercado de trabalho, se dá pelo fato da persistência de tornar feminina as responsabilidades com a casa e com a família, existindo uma constante necessidade de articulação entre papéis familiares e profissionais. Tais condições em que vivem mulheres e homens não são frutos de um destino biológico, mas sim de construções sociais que se adaptam e se moldam conforme cada sociedade. Esta divisão sexual do trabalho demonstra uma relação de poder entre os sexos, e possui como característica principal a destinação das mulheres à esfera reprodutiva, e aos homens à esfera produtiva.

Frente à naturalização de seus discursos em relação aos trabalhos de casa (lavar, limpar, cozinhar, cuidar dos filhos e marido etc.) é preciso entender os impactos sobre a saúde e sobre a condição de ser educadora em uma EMEI. Nos discursos analisados, já é possível perceber que o gênero apresenta forte relação com o trabalho das professoras e com o trabalho doméstico. Em ambos ambientes, a ideia de uma natureza feminina é convocada para que o processo de trabalho possa ocorrer.

4. CONCLUSÕES

Nesse resumo analisei as relações entre gênero e trabalho das professoras de Educação Infantil, explorando a condição feminina e a sobrecarga de trabalho segundo a condição de subalternidade que a mulher ainda ocupa na sociedade. Trata-se de uma cultura que faz recair sobre as mulheres uma gama enorme de tarefas, tornando suas jornadas de trabalho mais extensas que aquelas desenvolvidas/atribuídas aos homens.

Em nossa sociedade ainda persiste a cultura patriarcal. No discurso das professoras torna-se evidente a internalização de que cabe somente às mulheres tanto o cuidado das crianças – a Educação Infantil – como nível de escolarização naturalmente de mulheres – quanto às tarefas domésticas – o cuidado da casa é naturalmente de mulheres. Isso se legitima em nossa sociedade quando desde cedo as meninas são incentivadas e estimuladas ao trabalho doméstico (IPEA, 2017), a brincarem de donas de casa, mães, cozinheiras, além de um conjunto de regras familiares sobre o que é permitido e o que é proibido à condição feminina.

A naturalização do trabalho feminino, tanto com crianças pequenas quanto com o trabalho doméstico, enfatiza que sendo essa responsabilidade exclusiva das mulheres implica uma sobrecarga de trabalho e contribui para o adoecimento dessas professoras, haja vista que produzem uma dupla ou tripla jornada de trabalho dessas mulheres, e isso tem repercussões tanto na qualidade do trabalho que realiza na escola quanto em sua qualidade de vida e, conseqüentemente, em sua saúde.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Maria de. e KARASEK, Robert. Validity and reliability of the job content questionnaire in formal and informal jobs in Brazil. *SJWEH Suppl, Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*; Journal information, 2008 (6): 52-59.

BRASIL. **Retrato das desigualdade de gênero e raça**. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Março 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato>. Acesso em: 10/06/2017.

ESTEVE, José S. **O Mal-estar Docente**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 2013.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Reestruturação Curricular e Autointensificação do Trabalho Docente. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.100-112, Jul/Dez 2009.

KARASEK, Robert. 1979. Job Demand, job decision latitude, and mental strain: implications for job redesign. **Administrative Science Quarterly**, n. 24, p. 285-308, 1979.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte et al. As doenças da docência: imagens da educação – fragmentos da pesquisa ‘A constituição das doenças da docência. **Anais do II Congresso Latinoamericano de Psicologia Ulapis**. México, Ciudad de México

: Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Xochimilco – y la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología, 2009.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte et al. Processo de trabalho educativo e o mal-estar docente: a fabricação da identidade do professorado. **Anais do V Conferencia Internacional de Psicología de la Salud – PSICOSALUD**. Cuba, Havana : Sociedad Cubana de Psicología de la Salud, 2008.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte; VIEIRA, Jarbas Santos; FEIJÓ, José Roberto de Oliveira; GONÇALVES, Vanessa Bugs. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, p. 281-289, 2015.

SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

VIEIRA, Jarbas Santos et al. A produção do mal-estar docente nas escolas municipais de educação infantil de Pelotas. **Relatório de Pesquisa**. Brasília: CNPq; Pelotas: UFPel, 2012.

VIEIRA, Jarbas Santos et al. Constituição das doenças da docência. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [37]: 303-324, setembro/dezembro, 2010.

VIEIRA, Jarbas Santos; GONÇALVES, Vanessa Bugs; MARTINS, Maria de Fátima Duarte. Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. Trabalho, **Educação e Saúde (Online)**, v. 14, p. 559-574, 2016.

VIEIRA, Jarbas Santos; MARTINS, Maria de Fátima; ESLABÃO, Leomar, GONÇALVES, Vanessa Bugs; FEIJÓ, José Roberto de Oliveira; ORBEN, Sandra Maria; LEHMANN, Bianca Alves; MEIRELES, Janaína Barela; SILVEIRA, Maria Luiza Luongo. Trabalho e Saúde das Professoras de Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais da Região Sul do Rio Grande do Sul. **Relatório de Pesquisa**. Brasília: CNPq; Pelotas: UFPel, 2016.